

SOBRE O SEQUESTRO DE UM SÍMBOLO NACIONAL, A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E A HOSTILIDADE DURANTE AS ELEIÇÕES BRASILEIRAS DE 2022

**SOBRE EL SECUESTRO DE UN SÍMBOLO NACIONAL, LA VIOLENCIA SIMBÓLICA Y LA
HOSTILIDAD DURANTE LAS ELECCIONES BRASILEÑAS DE 2022**

**ABOUT THE SEQUESTRATION OF A NATIONAL SYMBOL, SYMBOLIC VIOLENCE AND
HOSTILITY DURING THE 2022 BRAZILIAN ELECTIONS**

Márcio Antonio Gatti*

Kelen Christina Leite**

Universidade Federal de São Carlos

RESUMO: Este artigo analisa um fato corriqueiro da campanha eleitoral para a Presidência da República em 2022: o uso da bandeira nacional sobreposta nos capôs de automóveis. O objetivo é analisar esse fato como um tipo de enunciado violento e hostil que se relaciona com aspectos fundamentais da semântica do discurso bolsonarista, por exemplo, o incentivo à eliminação de oponentes. Para isso, tratamos primeiramente de relacionar esse discurso com algumas características do fascismo por meio da recuperação de

* Doutor em Linguística, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana (PPGECH), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: maggatti@ufscar.br.

** Doutora em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana (PPGECH), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: kelen@ufscar.br.

falas e atos simbólicos do ex-presidente em que essas características se evidenciavam. Além disso, argumentamos, recuperando falas mais específicas de Bolsonaro em torno da bandeira e da eliminação de oponentes, quanto o uso do símbolo nacional é a recuperação desse discurso e um sintoma do assujeitamento a ele.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Eleições. Bandeira. Violência. Hostilidade.

RESUMEN: Este artículo analiza un hecho común durante la campaña presidencial de 2022: el uso de la bandera nacional superpuesta en los capós de los automóviles. El objetivo es examinar este hecho como un tipo de enunciado violento y hostil que se relaciona con aspectos fundamentales de la semántica del discurso bolsonarista, como el estímulo a eliminar a los oponentes. Para hacerlo, relacionamos este discurso en primer lugar con algunas características del fascismo a través de la recuperación de hablas y actos simbólicos del ex presidente en los que estas características se hacían evidentes. Además, sostenemos que, al recuperar declaraciones más específicas de Bolsonaro sobre la bandera y la eliminación de oponentes, el uso del símbolo nacional representa la recuperación de este discurso y un síntoma de la sujeción a él.

PALABRAS CLAVE: Discurso. Elecciones. Bandera. Violencia. Hostilidad.

ABSTRACT: This paper analyzes a common occurrence during the 2022 Presidential election campaign: the use of the national flag superimposed on car hoods. The objective is to examine this occurrence as a type of violent and hostile enunciation that relates to fundamental aspects of the semantics of Bolsonaro's discourse, such as the encouragement of eliminating opponents. To do this, we first relate this discourse to some characteristics of fascism by recovering speeches and symbolic acts of the president Bolsonaro in which these characteristics became evident. Furthermore, we argue that, by recovering more specific statements from Bolsonaro about the flag and the elimination of opponents, the use of the national symbol represents the recuperation of this discourse and a symptom of being subjected to it.

KEYWORDS: Discourse. Elections. Flag. Violence. Hostility.

1 INTRODUÇÃO

As eleições brasileiras de 2022 ficaram marcadas, em vários casos, pela violência. Um dos primeiros crimes cometidos ainda antes da campanha iniciar-se oficialmente foi o assassinato de um conhecido filiado do Partido dos Trabalhadores (PT) de Foz do Iguaçu – PR. Marcelo Arruda foi morto a tiros, durante sua própria festa de aniversário, por um apoiador de Jair Bolsonaro (G1, 2022), à época presidente do Brasil e candidato à reeleição. Era um prenúncio do nível de violência política a que estaríamos expostos durante a campanha e após o sufrágio.

Para além deste caso emblemático de violência física, muitos elementos escancararam um modo de operação do discurso de extrema direita, cujo aspecto destacado neste artigo é aqui designado como “hostilidade”. Um dos componentes desse aspecto é a utilização (ou sequestro, como defendemos já no título deste texto) de um dos símbolos nacionais, a bandeira, como marca incontestada da própria extrema direita, representada nas eleições pela candidatura à reeleição de Jair Bolsonaro.

Neste artigo, analisaremos, por meio dos aparatos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, um fato corriqueiro do cotidiano dos brasileiros no decorrer da campanha eleitoral: o uso da bandeira nacional alocada sobre capôs de automóveis.

A hostilidade convocada acima como aspecto central do discurso extremista ficará evidente por meio das análises empreendidas, sobretudo por observarmos uma espécie de violência simbólica, atestada em uma estratégia comunicacional bem sucedida, porque, ao mesmo tempo que recorre a um símbolo extremamente reconhecível, a bandeira, dificulta ou mesmo não permite qualquer contestação de seu uso, seja naquele que aqui analisaremos, seja, ainda, em outros, como “decorando” sacadas de apartamentos ou varandas de casas.

O ato de alocar a bandeira nacional será analisado como uma sorte de enunciação mista (verbal e não verbal), cujos principais componentes de significação são a bandeira e o automóvel. Este visto como um potencializador da violência simbólica, dada a memória associada ao carro em nossa sociedade. Para analisar essa enunciação, primeiramente, relacionamos aspectos do fascismo

com o discurso bolsonarista. Em seguida, recuperamos falas específicas de Bolsonaro em torno da bandeira nacional e da eliminação de oponentes para, a partir daí, analisar o ato de sobrepor o símbolo nacional sobre capôs de automóveis, tanto como uma espécie de enunciação hostil e violenta quanto como um ato possível de observar e discutir sob o prisma do assujeitamento.

2 A INCORPORAÇÃO DE ELEMENTOS FASCISTAS PELA EXTREMA DIREITA NO BRASIL

Recorre-se, muitas vezes, ao vocábulo “fascismo” para designar os posicionamentos político/ideológicos de direita e extrema direita que vêm ganhando corpo em escala mundial¹. Trata-se de uma palavra que pode englobar diversas formas de manifestação política, mas que têm alguns pontos em comum. Ter presente que o fascismo e o nazismo são realidades históricas específicas e determinadas não significa, como nos recorda Konder (2009), expulsar o conceito da história, mas sim trilhar os apontamentos de Togliatti que já em 1935 advertia ser necessário considerar o fascismo em seu desenvolvimento, uma realidade que não é fixa ou algo definitivamente caracterizado, ou seja, não é um evento ocorrido no tempo e no espaço isento de um retorno, ainda que, como nos recorda Marx (2011), um retorno em forma de farsa.

Autores da Escola de Frankfurt, como Horkheimer (1979), Marcuse (1982), Adorno (2019, 2020) e outros, trataram, em vários momentos, a questão do fascismo e de seus elementos concretos e, sobretudo, de sua relação com o capitalismo asseverando que não há como falar de fascismo, sem falar em capitalismo. A esse respeito dirá Horkheimer (2005, p. 230, tradução nossa): “[...] mas se você não quer falar sobre capitalismo, você também deveria ficar calado sobre o fascismo”.

Eco (2019), por sua vez, ajuda a pensar os elementos fascistas que permanecem e retornam na história e formula uma expressão que ele chama de “fascismo eterno”. Uma espécie de sombra, que está sempre à espreita (*a cadela eternamente no cio, de Brecht!*). Para Eco (2019, p. 32), no entanto, o fascismo não poderia ser compreendido como uma filosofia homogênea,

[...] ao contrário, o fascismo não possuía nenhuma quintessência e nem sequer uma só essência. O fascismo era um totalitarismo *fuzzy*. O fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de diversas ideias, políticas e filosóficas, um alveário de contradições.

Mesmo sendo “essa confusão” (Eco, 2019, p. 44), Eco (2019) propõe uma lista de características do que seria o fascismo eterno (ou Ur-Fascismo), afirmando que “[...] é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista” (Eco, 2019, p. 44). No contexto brasileiro contemporâneo, não uma, mas várias se apresentam de modo muito intenso. Ou seja, uma nebulosa bastante densa. Dos quatorze itens da lista de Eco, podemos destacar as que mais se intensificaram no Brasil: culto da tradição; recusa da modernidade (sobretudo se pensamos nos avanços das pautas de identidade); desacordo como traição; apelo às classes médias frustradas; nacionalismo; e transferência da vontade de poder para questões sexuais. Mas, com um pequeno esforço analítico, essa constelação de aspectos do que ficou conhecido no Brasil como “bolsonarismo” facilmente se ampliaria para os quatorze itens da lista (ou ao menos chegaria próximo desse número), principalmente se pensarmos que, tal como o fascismo, o bolsonarismo não é homogêneo, isto é, há atores mais radicalizados, que, por exemplo, invadem prédios públicos, e há aqueles mais *soft*, que, por exemplo, limitam-se a espalhar *fake news* em grupos de mensageiros digitais.

¹ Após a crise de 2008, por vários motivos, testemunhou-se um reforço do neoliberalismo e, assim, na última década, a extrema-direita e a direita autoritária ganharam força e expressão, utilizando-se de um discurso neoliberal transformado ou transmutado. Isso ocorreu em modos diversos em vários países. Alguns exemplos são: Recep Tayyip Erdogan, na Turquia, e Vladimir Putin, na Rússia, que conseguiram se manter ou conquistar o poder por meio de mudanças nas legislações eleitorais, além de restringirem a liberdade de expressão e de imprensa. Viktor Orbán, na Hungria, aprofundou medidas autoritárias promovendo uma reforma constitucional conservadora baseada na família, tradição, ética e religião. Ele defende uma democracia ‘liberal’ na qual as liberdades individuais são submetidas aos interesses da comunidade húngara e ao estado nacional. Há, ainda, outros casos como o crescimento da extrema-direita na Polônia, com o partido nacionalista Direito e Justiça, e a ascensão do partido Alternativa para a Alemanha (AfD), um partido nacionalista de inspiração neonazista que conquistou assentos no parlamento alemão e, em junho de 2023, conquistou o distrito de Sonneberg, no estado da Turingia. A AfD se constituiu, hoje, na segunda força política da Alemanha, atrás apenas dos conservadores de direita. Na Itália, houve o fortalecimento da extrema-direita, representada pelo partido Lega, de Matteo Salvini, juntamente com o crescimento do partido Fratelli d'Italia, próximo à extrema-direita, liderado por Georgia Meloni, que atualmente é a primeira-ministra do país. Outros exemplos incluem Narendra Modi, na Índia, Rodrigo Duterte, nas Filipinas, a situação do Reino Unido com o Brexit e a ascensão de Boris Johnson, obrigado à renúncia por questões relativas à gestão da pandemia e, evidentemente, o Brasil com a vitória de Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018.

Em relação a um exercício de uma linguagem fascista em solo nacional, Piovezani (2020a, 2020b) faz um importante apanhado de aspectos relevantes do “nosso fascismo nacional comum” (Piovezani, 2020a, p. 44), estabelecendo relações entre a fala de oradores históricos e aqueles que têm se configurado como representantes brasileiros da extrema direita, em especial Bolsonaro:

Para calar a voz do povo, para silenciar opositores e para fazer aceitar o aniquilamento de seus adversários, o fascismo de ontem investia principalmente um carisma distintivo e tradicional em seu orador, já o de nossos tempos vale-se sobretudo de um carisma *pop* daquele que fala às massas [...] este, por seu turno, tenta lhe falar de modo natural e autêntico, ainda que também enérgico, e de forma simples e clara, para se aproximar do povo, como se fosse uma pessoa comum (Piovezani, 2020a, p. 24).

Ressaltamos dessa passagem o adjetivo “autêntico”. Ele revela um modo de funcionamento do comportamento do ex-presidente: desde hábitos corriqueiros do cotidiano até a ruptura com rituais típicos do exercício de seu mandato são desempenhados de modo a parecer que o ex-presidente mostrasse sua real personalidade, sua autenticidade. É assim que são revelados hábitos que o ligariam ao povo: comer pão com leite condensado no café da manhã (Amorim, 2018), falar sem filtros midiáticos ao seu público no “cercadinho”² e comer frango com farofa em barracas de comida de rua (Jornal do Brasil, 2022).

Trata-se, no entanto, de algo absolutamente planejado, como se pôde entrever no caso do frango com farofa. É um modo de fazer parecer autêntico: simplicidade, austeridade, um certo desleixo, agressividade, humor, falas “sem filtros” (por meio de *lives* semanais e na conversa diária com apoiadores do cercadinho) etc. são cuidadosamente explorados e reproduzidos para seduzir um público que vai se identificando com hábitos comuns dos brasileiros plagiados à exaustão por seu mandatário. Bolsonaro revela, portanto, um *ethos* dito³ cuidadosamente elaborado, que se constitui como uma imagem da simplicidade e autenticidade.

Desse modo, a propaganda, em seu sentido amplo, veiculada pelo uso de meios diversos, sobretudo os digitais, nivela, segundo Adorno, em dois diferentes excertos,

[...] a diferença inquestionável entre os interesses reais e os falsos objetivos simulados. Assim como outrora com os nazistas, a propaganda é realmente a substância mesma da coisa. Se os meios são substituídos pelos fins em uma medida crescente, então pode-se quase dizer que, nesses movimentos de direita radical, a propaganda constitui, por sua vez, a substância da política [...] (Adorno, 2020, p. 54).

A propaganda serve menos para a disseminação de uma ideologia, que é demasiado pobre e mais para tornar as massas engajadas. A propaganda é, portanto, sobretudo, uma técnica de psicologia de massas (Adorno, 2020, p. 67).

No que tange ao exercício da linguagem verbal, a performance de Bolsonaro oscila entre a truculência, a agressividade, o deboche e um certo tipo de humor, materializando-se em respostas rápidas, na interrupção de turnos do interlocutor, em gracejos geralmente com temáticas sexistas. Todas essas características adicionam um *ethos* mostrado (Maingueneau, 2006) sincero que é incorporado pelos ouvintes na imagem “ele fala o que pensa”.

Essa eloquência bolsonarista, no entanto, não distancia sua atividade discursiva de objetivos muito próximos do fascismo histórico, como impor a vontade do opressor e eliminar o adversário (concebido como inimigo⁴). Para Piovezani (2020a, p. 45), “[...] assim

² Sobre as falas de Bolsonaro no chamado cercadinho, ver Ferreira e Gatti (2023).

³ O conceito de *ethos* discursivo é proposto por Maingueneau (2006, 2008) a partir do *ethos* teorizado na Retórica antiga que, basicamente se constitui como a imagem que o enunciador faz de si em seu discurso. Na teorização do linguista francês, entretanto, essa imagem não se resume àquilo que o enunciador produz e mostra sobre si no ato enunciativo, mas revela um tom e uma corporalidade, no entrecruzamento de vários *ethè*: o dito (efetivamente explicitado pelo enunciador); o mostrado (oriundo de marcas outras na enunciação, nem sempre controladas) e o prévio (imagens anteriores ao enunciado). Todas essas imagens se entrecruzam e produzem um *ethos* efetivo e que funciona como uma espécie de fiador daquele determinado discurso.

⁴ Como a referência feita no Acre, em 01.09.2018, em que sugere “fuzilar a petralhada” (Poder360, 2018). E os inimigos são vários, não apenas a esquerda, mas também: mulheres, pessoas LGBTQ+, indígenas, quilombolas, movimentos antirracistas, ambientalistas, artistas, universidades públicas, defensores dos direitos humanos, imprensa.

como no fascismo europeu do início do século XX, também em nosso fascismo comum, são fundamentais as relações entre o pensamento e as experiências de ódio e entre a linguagem e as ações violentas”. Não por coincidência, a verborragia violenta e “sincera” do ex-presidente encontrou adeptos em uma massa já inflamada pelo ódio que se nutriu ao PT ao longo de mais de uma década dos mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff.

Dessa conjuntura política de efervescência social, emergem massas conservadoras e o uso das cores nacionais da bandeira nacional, materializadas no uso intenso de camisetas amarelas da seleção brasileira de futebol e no uso do próprio símbolo pátrio, a bandeira.

3 DA CONSTRUÇÃO DO “PATRIOTISMO” AO CASO DAS BANDEIRAS EM AUTOMÓVEIS

Antes de esmiuçar o fato que serve como elemento de análise neste artigo, isto é, as bandeiras sobrepostas nos capôs de carros, retomemos alguns aspectos que permearam a fala pública de Bolsonaro ao longo dos últimos anos, como modo de justificar como a bandeira passou a ser utilizada como símbolo de um grupo político.

Bolsonaro se constituiu como o principal expoente da extrema direita no Brasil. Não é de hoje que suas falas ganham espaço na mídia, sobretudo a televisiva. Vários programas de entretenimento, durante os anos dois mil, deram vazão a sua verborragia, que incluía toda sorte de preconceito contra as chamadas minorias⁵ e defesas da ditadura militar brasileira⁶. Muitas vezes tomadas como anedóticas, essas aparições de um, à época, deputado do baixo clero, aliadas a outras questões (como a sua atuação durante o processo de golpe contra a presidenta Dilma) contribuíram para a ascensão do ex-capitão do exército a postulante ao principal cargo público brasileiro.

A fim de constituir um quadro reduzido e mais adequado ao nosso objetivo, interessa-nos as falas públicas mais recentes, sobretudo aquelas que denotam o extermínio de oponentes e as que fazem alguma referência ao símbolo “bandeira”. Em uma dessas falas, Bolsonaro pendura (Angelo; Mestre, 2022) uma bandeira no Palácio do Planalto dizendo:

Hoje, pedi para aquele bandeirão que existe, mandei pegar um usado, enorme. Mande botar um no Alvorada, que é minha casa. Acho que ninguém vai ter coragem de falar “retira daí, senão vou dar uma multa de não sei quanto por dia”. É a nossa bandeira do Brasil. A questão da censura é devagar. Certas coisas não se perdem de uma hora para a outra, você perde com o tempo.

Ou, ainda, quando, em seu discurso de posse diz: “Eis a nossa bandeira que nunca será vermelha. Se for preciso [daremos] o nosso sangue para mantê-la verde e amarela” (Attuch, 2019). Como deputado federal, em 12 de agosto de 2003, Jair Bolsonaro apoiava e estimulava o extermínio dos não iguais a si. Da tribuna da Câmara dos Deputados, disse:

Quero dizer aos companheiros da Bahia – há pouco ouvi um parlamentar criticar os grupos de extermínio – que enquanto o Estado não tiver coragem de adotar a pena de morte, o crime de extermínio, no meu entender, será muito bem-vindo. Se não houver espaço para ele na Bahia, pode ir para o Rio de Janeiro. Se depender de mim, terão todo o meu apoio, porque no meu estado só as pessoas inocentes são dizimadas (Congresso em Foco, 2018).

Os não iguais a si são todos(as) que não sejam homens, brancos, cisgêneros, heterossexuais e detentores de capital, ou seja, mulheres, pessoas negras, pessoas transgênero, LGBTQ+ e pobres, portanto, não são vidas passíveis de luto, são vidas e corpos destrutíveis,

⁵ Como a polêmica entrevista, que repercutiu em muitos países, concedida ao ator e ativista Elliot Page, em 2016, sobre questões relacionadas à população LGBTQ+ (Graça, 2016).

⁶ Foram inúmeras as vezes em que Bolsonaro defendeu abertamente a ditadura militar, a tortura, o fechamento do Congresso Nacional. Por exemplo, já em 1999, em entrevista ao programa Câmara Aberta, da Rede Bandeirantes, defendeu o fechamento do Congresso, a tortura, a ditadura, o crime de sonegação de impostos dentre outras coisas. Um exemplo pode ser visualizado no vídeo *Jair Bolsonaro Defendendo Guerra Civil, Fim do Voto e Fechamento de Congresso [COMPLETO]*, disponível no YouTube (BN, 2016).

segundo Butler (2015), pois, para que a vida seja passível de luto, para que seja uma vida que importa, um corpo que importa, é necessário que haja reconhecimento deste corpo.

Diante do massacre no Jacarezinho, no Rio de Janeiro, em que a polícia militar, sob o comando de Cláudio Castro, matou 28 pessoas, Bolsonaro disse:

Ao tratar como vítimas traficantes que roubam, matam e destroem famílias, a mídia e a esquerda os iguala [sic] ao cidadão comum, honesto, que respeita as leis e o próximo. É uma grave ofensa ao povo que há muito é refém da criminalidade. Parabéns à Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro! (Rosa, 2022).

Na campanha presidencial de 2018, o então candidato, Jair Bolsonaro disse: “Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria. [...]. A faxina agora será muito mais ampla. Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora, ou vão pra cadeia” (Aragaki, 2018).

Já como presidente eleito, ainda em 2018, disse: “Petralhada, vai tudo vocês para a ponta da praia. Vocês não terão mais vez em nossa pátria porque eu vou cortar as mordomias de vocês. Vocês não terão mais ONGs para saciar a fome de mortadela. Será uma limpeza nunca vista na história do Brasil” (Balloussier, 2018).

A ponta da praia, como sabido, refere-se à base da Marinha na Restinga da Marambaia, no Rio de Janeiro, local em que militares das forças armadas brasileiras, durante a ditadura militar, utilizavam para execução de brasileiros que lutavam pela democracia.

Em 2019, ao mencionar as dificuldades de licença ambiental para um de seus apoiadores, sugeriu a ponta da praia para funcionários públicos: “Eu tenho ascendência, porque os diretores, o presidente, têm mandato, porque se não tivessem, eu cortava a cabeça mesmo. Quem quer atrapalhar o progresso vai atrapalhar na ponta da praia, aqui não” (Congresso em Foco, 2019).

Há também um mantra, que escapa das falas de Bolsonaro e se instala sobejamente na fala de seus apoiadores: “nossa bandeira jamais será vermelha” (Paraguassu, 2019). Para os objetivos deste artigo, não importa muito a origem da fala que se torna um *slogan*, mas o que ela se tornou ao longo dos últimos anos: um exemplo da linguagem fascista em funcionamento, isto é, a oposição virulenta ao outro, com tendência à sua eliminação. Torna-se, então, uma frase repetida à exaustão, ou mais especificamente uma pequena frase (a esse respeito, ver Krieg-Planque, 2011; Ollivier-Yaniv, 2011; Maingueneau, 2014).

O uso exacerbado da bandeira nacional não pode ser analisado sem relacioná-lo a esses fatos retomados nos parágrafos anteriores. Sequestrada pela campanha de rua⁷ (e que mostra fisicamente o que antes ficava no âmbito do “privado” das redes) – a eleição de Bolsonaro se transforma num marco para um determinado discurso sair das sombras. “Tímido” que era, proibido tacitamente, passa agora a ser predominante.

Aos que ainda possam pensar que as suas falas são pura balela de “tioção do pavê”, tudo o que ele disse ao longo desses anos foi sendo tomado como ordens a seus “soldados” dispostos a tudo, desde a garimpar ilegalmente em terras Yanomami (é preciso lembrar que Bolsonaro propôs projeto de lei para acabar com a demarcação, também que disse que não demarcaria nenhum centímetros de terra indígena⁸) até tentar um golpe contra a democracia em 8 de janeiro de 2023 (é preciso lembrar que o ex-presidente não reconheceu a derrota, atacou incessantemente as urnas eletrônicas, relativizou com frequência atos do judiciário e sempre ameaçou que poderia jogar “fora das quatro linhas da constituição”, isto é, agir ilegalmente).

⁷ A bandeira nacional, sequestrada por Bolsonaro, já havia sido, de certo modo, identificada com a ditadura militar (1964-1985) e, mais recentemente, esse uso político de um símbolo nacional foi retomado, inicialmente pelos movimentos de direita que tomaram as ruas em junho de 2013 como o Vem para a Rua e o Movimento Brasil Livre (MBL) que, fazendo uso da bandeira nacional como único símbolo possível, baniram violentamente das manifestações de então toda e qualquer referência a outros símbolos.

⁸ “No que depender de mim, não tem mais demarcação de terra indígena. Temos uma área maior que a região sudeste de terra indígena e qual é a segurança para o homem do campo? O fazendeiro pode acordar hoje e de pronto ter conhecimento de que via portaria ele vai perder sua fazenda para nova terra indígena” (Estado de Minas, 2018).

O uso da bandeira como ato violento de subjugamento de uma parcela da população, passa por todas essas questões, visto que imiscui um dito nacionalismo à violência direcionada àqueles que destoam desse posicionamento, constituindo um outro eliminável (“mandar para a ponta da praia”, “fuzilar a petralhada”, “nossa bandeira jamais será vermelha”...). E não há escapatória para esse ato, ele pega a todos, porque todos estão no trânsito, sejamos pedestres, usuários de transportes públicos, motoristas de carros particulares, passageiros etc. Todos somos expostos ao sequestro do símbolo. E todos sabíamos a que isso fazia referência, a ponto de bandeiras nacionais penduradas como decoração em casas, ruas etc., em virtude da Copa do Mundo de Futebol (uma tradição comum em solo nacional) terem sido acompanhadas em diversas ocasiões por frases do tipo “é para a copa” ou “não é política, é copa”, tal como no exemplo abaixo:



Imagem 1: Não é política, é copa

Fonte: Fotografia de Maurício Vieira (Oliveira, 2022)

Dito isso, os enunciados arrolados como exemplos concretos da enunciação a que fazemos referência, como recorrem ao não verbal, poderiam ser muito vagos, pois permitiriam que os interpretássemos como algum tipo de festividade cívica ou ainda como algum tipo de patriotismo (não exatamente o mesmo que geralmente seus enunciadores defendem...). A significação, no entanto, depende de um lastreamento em elementos sociais e políticos do tempo específico em que esses enunciados foram produzidos (parafraseando Maingueneau, 2005, ao mesmo tempo simbólicos e históricos). Para isso, relembremos que se tratou de um uso partidário específico das eleições de 2022. Isto é, apoiadores do candidato Jair Bolsonaro, aos poucos, passaram a sobrepor aos capôs de seus veículos bandeiras do Brasil. E logo inúmeros automóveis estavam adereçados com o símbolo pátrio, como nas imagens que seguem:



Imagem 2: Bandeira sobre capô 1

Fonte: Fotografia de Cláudio Marques (Banda B, 2022)



Imagem 3: Bandeira sobre capô 2

Fonte: Fotografia de Cláudio Marques (Banda B, 2022)

De fato, tratou-se de uma estratégia astuciosa de comunicação, pois associou uma posição política a um símbolo nacional. Essa associação está lastreada na recorrência de um certo nacionalismo ufanista (traço comum aos fascistas) presente nos discursos desse agrupamento político representado pelo ex-presidente e, muito provavelmente, de grande parte da população que o apoiava e apoia. Não por acaso, o principal epíteto associado aos apoiadores de Bolsonaro era (e é) “patriotas”, embora esse patriotismo se manifeste de modo estranho, pois, ao mesmo tempo que se autointitulam “patriotas”, têm atitudes subservientes a outras nações, como Israel e Estados Unidos, por exemplo⁹.

As bandeiras nos capôs fizeram, portanto, um serviço de comunicação política eleitoral que revelou tanto a astúcia quanto a truculência desse grupo político, pois quando se toma um símbolo nacional como próprio de um posicionamento, impede-se outros de utilizá-lo. Ao mesmo tempo, impõe-se ao(s) outro(s) um lugar antinacionalista, antipatriótico e, assim, contrário aos interesses do Brasil.

⁹ Mesmo o ex-mandatário mostrou por diversas vezes uma postura pouco esperada de um chefe de estado, como na ocasião em que disse “*I love you*” para o então presidente estadunidense Donald Trump (Istoé, 2019).

Assim, essa estratégia comunicacional implica no disfarce de uma obviedade: um posicionamento político e ideológico é disfarçado por um símbolo que deveria ser representativo de todos. Nesse sentido, é importante salientar que, em muitos casos, os carros ostentavam somente a bandeira sobre o capô, isto quer dizer que não havia nenhuma menção a um candidato. Mesmo assim, é quase certo que todos os brasileiros soubessem que ali havia um apoiador e eleitor de Bolsonaro. Era um modo articulado de propaganda política, com um uso específico de um símbolo nacional, ancorado em uma memória ao mesmo tempo cognitiva, discursiva e distribuída (Paveau, 2013) e que não precisava de outras informações. Tratava-se de um modo de reconhecimento imediato de um posicionamento pelos demais e também de um pertencimento a um determinado grupo.

É aqui que chegamos à teoria da interpelação ideológica formulada por Althusser (1980), retomada e ampliada por Pêcheux (2009) e avaliada mais recentemente por Butler (2020), que, de nosso ponto de vista, mostra-se eficaz para explicar o fenômeno da bandeira, na medida em que revela o funcionamento próprio da interpelação ideológica.

4 VIRAR-SE PARA A INTERPELAÇÃO IDEOLÓGICA: PATRIOTISMO NO MOTOR DO CARRO

A interpelação ideológica foi largamente explorada pela Análise do Discurso, inclusive como um pressuposto de que a origem dos sentidos não está nos falantes, mas deriva da sujeição a uma ideologia. A teoria desenvolvida por Althusser prevê que a ideologia funciona como o ato de um policial que interpela alguém na rua: “Eh, você” (Althusser, 1980, p. 99). É desse modo que, para o autor, a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, não restando outra alternativa senão virar-se e atender ao seu chamado.

Interpretando esse ato específico da virada do indivíduo em direção à ideologia que o assujeita, Butler (2020, p. 114) argumenta que esta

[...] virada é um ato que está, por assim dizer, condicionado tanto pela “voz” da lei quanto pela responsividade de quem é chamado pela lei. A “virada” é um tipo estranho de meio-termo (que se dá, talvez, numa espécie estranha de “voz média”), determinado tanto pela lei quanto pelo interpelado, mas não de forma unilateral ou exhaustiva. A virada não se daria sem o chamado, tampouco se daria sem a disposição para se virar.

Implica, de algum modo, um deslocamento com a teoria dos esquecimentos de Pêcheux (2009), na qual os sujeitos “esquecem” que estão submetidos a um discurso e que selecionam enunciados possíveis para esse discurso, restabelecendo à cena metafórica da virada em direção à interpelação uma determinada consciência, mesmo que esta seja no sentido do estabelecimento da necessidade de sociabilidade.

De algum modo, a bandeira sendo alocada, como mostram as imagens 2 e 3, indica um estado de consciência à submissão a um discurso/ideologia, pois é por meio dessa alocação do símbolo pátrio que se reconhece uma determinada comunidade e, assim, permite-se uma determinada sociabilidade. Passemos a pensar no próprio ato de estender a bandeira: um indivíduo pega o tecido, prende sobre o capô e, a partir desse ato, sua visibilidade como um membro da comunidade está dada. Mas não se pode ignorar que há nesse ato uma predisposição para a “virada” em direção à ideologia. De tal modo, a repetição de um ritual que transforma o veículo em uma certa mídia de transmissão de um determinado discurso. Tal qual um torcedor de um time de futebol que veste uma camiseta, ou faz uma tatuagem com o símbolo do clube para o qual torce.

É uma sorte de enunciado aderente (Maingueneau, 2022). Ou, para ficar na terminologia do autor, um signo aderente misto, em que verbal e não verbal “[...] estão integrados em uma totalidade indecomponível” (Maingueneau, 2022, p. 23). Nesse sentido, a bandeira muda a identidade do carro que passa a ser um duplo veículo, de transporte de indivíduos e de um determinado discurso. No entanto, um veículo não pode ser senão um veículo: tal qual sua função primeira, transporta para lá e para cá um discurso que não é senão de seu dono¹⁰, ou do qual o dono é o sujeito.

¹⁰ Caso interessante é o de uma jovem que durante as eleições de 2022 inseriu um outro adesivo ao lado daquele que havia no carro de seu pai (tratava-se de um adesivo-bandeira, com a propaganda do então candidato Jair Bolsonaro) para marcar seu posicionamento divergente ao de seu pai. No adesivo, lia-se: “esse carro é do meu pai. Eu sou PT” (em referência ao Partido dos Trabalhadores, que disputava a eleição com Jair Bolsonaro) (Bittencourt, 2022).

Tal como argumenta Maingueneau (2022) acerca do uso do boné de Trump, durante as eleições estadunidenses, no qual se lia “*Make America great again*”, como um enunciado aderente que indica tanto o apoio a um candidato quanto o pertencimento a uma coletividade, simbolizando, por meio das cores e outros signos, o pertencimento a um povo, a bandeira no capô do automóvel adere ao suporte indicando o posicionamento político, o pertencimento a uma comunidade e o patriotismo ufanista.

Mas, para determinada parcela da sociedade brasileira, o carro é um símbolo de *status* e de individualidade. Estamos diante de um enunciado peculiar. No qual signo aderente e suporte se alteram em via de mão dupla e indicam também a singularidade do dono do veículo. Seguindo essa lógica, a bandeira é um signo aderente “expressivo’ da personalidade” (Maingueneau, 2022, p. 140) do ocupante do carro, ou de seu dono.

A peculiaridade do dado releva, portanto, do fato de que, ao mesmo tempo que se pode argumentar que há no ato uma predisposição à “virada” à interpelação, não se pode ignorar que ainda a interpelação funciona (e funciona muito bem), de modo que, mesmo que haja um furo na teoria dos esquecimentos, o funcionamento do “enunciado” bandeira no capô é aquele da evidência do seu efeito de verdade, qual seja, o do patriotismo bolsonarista como o verdadeiro patriotismo. Não se pode ignorar ainda que a sujeição se dá por meio da aderência de um signo de coletividade a um suporte, que, por sua vez, simboliza a individualidade.

Recuperemos também determinados aspectos em torno do automóvel bem como da aderência da bandeira para compreender melhor esta como uma comunicação bem-sucedida. Assim, há, pelo menos, três aspectos que se somam para que possamos compreender essa enunciação “bandeira sobre o capô” como semioticamente bem alinhada a um discurso de extrema direita e com traços muito próximos do fascismo: 1- a associação do carro a uma certa masculinidade; 2- o local em que a bandeira está alocada; 3- a individualidade associada ao carro.

Embora saibamos que, no cotidiano brasileiro, o automóvel não é um objeto exclusivo do público masculino, esta é uma associação frequente, que está no imaginário sobre a masculinidade. Pode-se mesmo associar essa masculinidade a uma certa virilidade representada pelo carro, sobretudo pela potência de seu motor.

Associemos esse imaginário à parte do carro onde se alocou a bandeira: o capô. Sabemos que essa peça é a que cobre o motor do carro, ou seja, é sob a bandeira (e sob o capô) que está o que dá a potência ao veículo, o que o faz o carro andar, onde ocorre a queima e a explosão do combustível. É ali, sob a bandeira, que está a parte mais “violenta” do carro: barulho, explosão, combustível, peças girando em alta velocidade. Nada mais perfeito para veicular o discurso que se caracteriza, grosso modo, pela violência, pela agressividade e pela vontade expressa de exterminar o outro. O carro com a bandeira no capô funciona para potencializar essa violência típica do discurso bolsonarista.

É assim que ficamos, de certo modo, impossibilitados de refutar o uso da bandeira nos capôs, ora por pura impotência diante de uma enunciação perspicaz que sequestra um símbolo nacional, ora pelo medo decorrente da violência do ato: “só há um patriotismo possível, o meu, o bolsonarista”¹¹.

O automóvel associa-se, ainda, a aspectos comuns da sociedade capitalista neoliberal: a exclusividade e a individualidade exacerbada. Embora aqui a associação com um discurso fascista seja talvez questionada, parece-nos que, no estágio atual do capitalismo neoliberal, o culto à individualidade e a busca ao exclusivo sejam imperativos que moldem o próprio sentimento de pertencimento a uma contemporaneidade. Desse modo, tudo ocorre em detrimento de uma coletividade para alçar o individual/exclusivo como o fator principal de nossas vidas. No entanto, mesmo que a busca pelo exclusivo seja quase sempre o encontro do mesmo, isso modela comportamentos em torno dessa busca desenfreada e narcisista que forma enxames (ver Han, 2019), modelos que não são outra coisa que a busca pelo igual, isto é, não se tolera jamais o outro, que destoa, que é diferente. Nada mais fascista que não tolerar a diferença do outro.

¹¹ Talvez seja necessário relembrar do *slogan* da ditadura militar “Brasil, ame-o ou deixe-o”.

Não é sem razão, portanto, que o discurso bolsonarista, que congrega todas essas características, veiculado pelo carro é tão eficiente, porque talvez encontre nessa enunciação uma perfeita simbiose semântica. Sustenta-se, assim, em elementos do imaginário que simbolizam violência, masculinidade, potência e no efeito de verdade da bandeira: o verdadeiro patriotismo é aquele que não reconhece outro, que é viril, que é violento e masculino, que se mostra individualizado, mesmo que saibamos que se trata da mais pura sujeição a uma ideologia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratamos do discurso bolsonarista “no olho do furacão” e isso não é uma tarefa muito fácil. Embora as práticas discursivas tenham se mostrado de algum modo regularizadas, muitos acontecimentos ocorreram, desde o início da escrita deste artigo até a sua finalização, o que impõe uma dificuldade de delimitação de exemplos e fatos a serem tratados e analisados.

Iniciamos este artigo traçando um paralelo entre o fascismo e as falas e atos simbólicos de Bolsonaro dispersos ao longo do tempo, examinando as aproximações do discurso bolsonarista com características essenciais do fascismo, sobretudo a violência e o incentivo ao extermínio daqueles que não são idênticos a si. Feita essa primeira aproximação, passamos a analisar o objeto deste artigo, isto é, as bandeiras nacionais sobrepostas nos capôs dos carros durante a campanha eleitoral de 2022. Ao nos apropriarmos deste acontecimento, tentamos demonstrar que esse ato simbólico esteve intimamente ligado a um sequestro do símbolo nacional por uma parcela da direita e da extrema direita nacionais, incorporadas pela candidatura de Jair Bolsonaro. Esse sequestro, como tentamos mostrar, não é algo absolutamente novo, mas, durante o governo de extrema direita no Brasil, intensificou-se de modo bastante evidente como um recurso comunicativo bem-sucedido da campanha de rua do candidato em tela.

Argumentamos que o uso da bandeira recupera e sintetiza o discurso bolsonarista da violência e da eliminação dos oponentes. Em nossa análise, trata-se de ato simbólico violento e hostil perfeitamente alinhado à semântica desse discurso. Em síntese, na bandeira sobre o capô, há uma simbiose de elementos que contribuem para esse alinhamento. Assim, o automóvel passa a ser um veículo midiático, mas, ao mesmo tempo carrega consigo aspectos importantes de mobilização de significação: a memória associada a ele, em termos de relação com uma certa individualidade e a uma masculinidade, e ainda uma certa violência típica da própria máquina e de seu motor. Argumentamos, por fim, acerca da teoria da interpelação ideológica de Althusser (1980), avaliando que se trata de um caso típico de assujeitamento a um discurso, não sem submeter esse assujeitamento a uma análise do modo como os indivíduos se “deixam” assujeitar por esse discurso.

Para finalizar, acreditamos que o uso da bandeira nos capôs de veículos durante a campanha eleitoral de 2022 é um sintoma de como um discurso nitidamente violento se torna corriqueiro, “aceitável” e toma conta do espaço público de modo hostil e (quase) sem possibilidade de resposta.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. *Aspectos do Novo Radicalismo de Direita*. São Paulo: Ed. UNESP, 2020.

ADORNO, T. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Ed. UNESP, 2019.

ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1980.

AMORIM, D. Pão com leite condensado de Jair Bolsonaro é aprovado nas ruas. *Extra Online*, Rio de Janeiro, 07 nov. 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/pao-com-leite-condensado-de-jair-bolsonaro-aprovado-nas-ruas-23216709.html>. Acesso em: 10 nov. 2025.

ANGELO, T.; MESTRE, G. “Mande botar”, diz Bolsonaro sobre bandeira do Brasil no Planalto. *Poder360*, 14 out. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/mandei-botar-diz-bolsonaro-sobre-bandeira-do-brasil-no-planalto/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

ARAGAKI, B. Discurso de ‘eliminar adversário’ deveria deixar país alerta, dizem estudiosos de genocídios. *UOL Notícias*, São Paulo, 23 out. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/10/23/discurso-de-eliminar-adversario-deveria-deixar-pais-alerta-diz-estudioso-de-genocidio-da-bosnia.htm>. Acesso em: 10 nov. 2025.

ATTUCH, L. Bolsonaro repete o clichê de que a bandeira nacional jamais será vermelha. *Brasil 247*, 01 jan. 2019. Disponível em: <https://www.brasil247.com/brasil/bolsonaro-repete-o-cliche-de-que-a-bandeira-nacional-jamais-sera-vermelha>. Acesso em: 10 nov. 2025.

BALLOUSSIER, A. V. Bolsonaro fez referência a área de desova de mortos pela ditadura. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 dez. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/bolsonaro-fez-referencia-a-area-de-desova-de-mortos-pela-ditadura.shtml>. Acesso em: 10 nov. 2025.

BANDA B. Bandeira do Brasil no capô: afinal, o que diz a lei? *Portal do Trânsito*, 28 nov. 2022. Disponível em: <https://www.portaldotransito.com.br/noticias/fiscalizacao-e-legislacao/bandeira-brasil-capo/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

BITTENCOURT, J. Vídeo: Jovem dá um jeito em adesivo de apoio a Bolsonaro no carro do pai e bomba nas redes. *Revista Fórum*, 07 set. 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2022/9/7/video-jovem-da-um-jeito-em-adesivo-de-apoio-bolsonaro-no-carro-do-pai-bomba-nas-redes-122871.html>. Acesso em: 19 jun. 2023).

BN. *Jair Bolsonaro Defendendo Guerra Civil, Fim do Voto e Fechamento de Congresso [COMPLETO]*. YouTube: BN, 2016. Vídeo (35min38seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qIDyw9QKIvw>. Acesso em: 10 set. 2025.

BUTLER, J. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BUTLER, J. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CONGRESSO EM FOCO. Associação denuncia Jair Bolsonaro por sugerir “lugar de execução da ditadura” para servidores. *Congresso em Foco*, São Paulo, 4 nov. 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/meio-ambiente/associacao-denuncia-bolsonaro-por-sugerir-lugar-de-execucao-da-ditadura-para-servidores/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

CONGRESSO EM FOCO. Em discurso, Bolsonaro apoiou grupo de extermínio que cobrou R\$ 50 para matar jovens da periferia. *Congresso em Foco*, Rio de Janeiro, 13 out. 2018. Disponível em: <https://www.congressoemfoco.com.br/noticia/26965/bolsonaro-apoiou-grupo-de-extermínio-que-cobrava-r-50-para-matar-jovens-da-periferia>. Acesso em: 10 nov. 2025.

ECO, U. *O fascismo eterno*. Tradução de Eliana Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

ESTADO DE MINAS. Bolsonaro quer acabar com demarcação de terras indígenas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 06 nov. 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2018/11/06/interna_internacional,1003269/bolsonaro-quer-acabar-com-demarcacao-de-terras-indigenas.shtml. Acesso em: 10 nov. 2025.

FERNANDES, M. C.; ARAÚJO, C.; AGOSTINE, C.; FILGUEIRAS, M. ‘Nossa bandeira jamais será vermelha’ afirma Bolsonaro na posse”. *Valor Econômico*, São Paulo, 1 jan. 2019. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/01/01/nossa-bandeira-jamais-sera-vermelha-afirma-bolsonaro-na-posse.ghml>. Acesso em: 10 nov. 2025.

FERREIRA, C. A.; GATTI, M. A. No Brasil-ficção: discurso e narrativas no contexto da pandemia de Covid-19. In: DEUSDARÁ, B.; ROCHA, D.; PESSOA, F.; SALGADO, L. S. *Insurgências em tempos de pandemia*. Cotia: Margem da Palavra, 2023. p. 29-42.

G1. Guarda municipal é morto a tiros na própria festa de aniversário em Foz do Iguaçu. *G1*, Foz do Iguaçu, 10 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2022/07/10/guarda-municipal-e-morto-a-tiros-na-propria-festa-de-aniversario-em-foz-do-iguacu.ghtml>. Acesso em: 10 nov. 2025.

GRAÇA, E. "Ouvir Bolsonaro é de uma agonia sem fim", critica Ellen Page UOL, 12 mar. 2016. Disponível em: <https://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2016/03/12/ouvir-bolsonaro-e-de-uma-agonia-sem-fim-critica-ellen-page.htm>. Acesso em: 26 jun. 2023.

HAN, B.-C. *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis: Vozes, 2019.

HORKHEIMER, M. The Jews and Europe. In: MENDIETA, E. (org.). *The Frankfurt School on religion: key writings by the major thinkers*. New York: Routledge, 2005. p. 226-243.

HORKHEIMER, M. *La società di transizione: individuo e organizzazione nel mondo attuale*. Torino: Einaudi, 1979.

ISTOÉ. Bolsonaro diz 'I love you' para Trump, que desdenha: 'Bom te ver de novo'. *ISTOÉ*, São Paulo, 25 set. 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/bolsonaro-diz-i-love-you-para-trump-que-desdenha-bom-te-ver-de-novo/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

JORNAL DO BRASIL. *Vídeo de Bolsonaro comendo frango com farofa com as mãos viraliza*. YouTube: Jornal do Brasil, 2022. Vídeo (19seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LnouaDIZvHc>. Acesso em: 10 set. 2025.

KONDER, L. *Introdução ao Fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KRIEG-PLANQUE, A. Les "petites phrases": un objet pour l'analyse des discours politiques et médiatiques. *Communication & langages*, v. 2, n. 168, p. 23-41, 2011. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-communication-et-langages1-2011-2-page-23>. Acesso em: 10 nov. 2025.

MAINGUENEAU, D. As "pequenas frases". In: MAINGUENEAU, D. *Frases sem texto*. São Paulo: Parábola, 2014. p. 99-115.

MAINGUENEAU, D. "A Propósito do ethos". In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

MAINGUENEAU, D. *Discurso Literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. *Enunciados Aderentes*. São Paulo: Parábola, 2022.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos Discursos*. Curitiba: Criar, 2005.

MARCUSE, H. *Cultura e società*. Saggi di teoria critica 1922-1965. Torino: Einaudi, 1982.

MARX, K. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Ed Boitempo, 2011.

OLIVEIRA, R. Rua de BH enfeitada de verde-amarelo para a Copa chama a atenção com faixa que diz: 'Não é política'. *Hoje em dia*, 17 out. 2022. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/minas/rua-de-bh-enfeitada-de-verde-amarelo-para-a-copa-chama-a-atenc-o-com-faixa-que-diz-n-o-e-politica-1.927270>. Acesso em: 17 nov. 25.

OLLIVIER-YANIV, C. Les “petites phrases” et “éléments de langage”: des catégories en tension ou l'impossible contrôle de la parole par les spécialistes de la communication. *Communication & langages*, v. 2, n. 168, p. 57-68, 2011. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-communication-et-langages1-2011-2-page-57?lang=fr>. Acesso em: 10 nov. 2025.

PARAGUASSU, L. Nossa bandeira só será vermelha se for preciso sangue para mantê-la verde e amarela, diz Bolsonaro. *Terra*, 01 jan. 2019. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/nossa-bandeira-so-sera-vermelha-se-for-preciso-sangue-para-mante-la-verde-e-amarela-diz-bolsonaro,c068079f48cdc1f3b000076c64b8f134ta08z4mo.html>. Acesso em: 17 nov. 25.

PAVEAU, M.-A. *Os pré-discursos: sentido, memória, cognição*. Campinas: Pontes, 2013.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2009.

PIOVEZANI, C. A linguagem fascista. In: PIOVEZANI, C; GENTILE, E. *A linguagem fascista*. São Paulo: Hedra, 2020a. p. 9-51.

PIOVEZANI, C. Bolsonaro fala às massas. In: PIOVEZANI, C; GENTILE, E. *A linguagem fascista*. São Paulo: Hedra, 2020b. p. 141-245.

PODER360. *No Acre, Bolsonaro fala em 'fuzilar a petralhada' e enviá-los à Venezuela - 1º.set.2018*. YouTube: Poder360, 2018. Vídeo (37seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p0eMLhCcbYQ>. Acesso em: 10 set. 2025

ROSA, S. 15 frases de Bolsonaro que demonstram que é inimigo dos negros. *Esquerda Diário*, 20 out. 2022. Disponível em: https://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=53954. Acesso em: 17 nov. 2025.



Recebido em 16/10/2023. Aceito em 22/08/2025.

Publicado em 15/12/2025.